

A representação da mulata na literatura brasileira: estereótipo¹ e preconceito²

*Nubia Hanciau**

Ora se deu que chegou
(isso já faz muito tempo)
no bangüê dum meu avô
uma negra bonitinha
chamada nega Fulô.
Jorge de Lima

Le métissage n'est pas une tare mais un enrichissement.
Xavier Orville

Mistura do colonizador português, do autóctone e do escravo negro africano, a formação do povo brasileiro constitui ainda hoje objeto de pesquisas desenvolvidas por especialistas na busca sempre recomeçada das identidades. Um estudo porém, cuja perspectiva seja a de distinguir os tipos humanos mais representativos da literatura brasileira, deve ter como objetivo, sem nenhuma dúvida, a inclusão da mulata.

Louvada ou exaltada, por vezes determinada por representações satíricas e desqualificantes, a mulata é uma figura recorrente em nossa literatura, marcando sua

*Professora titular na Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Mestre em Estudos Francófonos e Doutora em Literatura Comparada pela UFRGS. Este texto foi escrito originalmente em francês para apresentação no II Colóquio Internacional da AIÉQ, em Aix-en-Provence, França. A tradução para o português é da autora. In: *Cadernos Literários*, Rio Grande: Editora da FURG, vol. 7, 2002, p. 57 a 64.

¹Imagem resumida, condensada, simplificada, injusta e banal, extraída de uma realidade passada, parcialmente ou dubitavelmente vivida, o estereótipo é definido por David Brookshaw, em *Raça e cor na literatura brasileira* (1983), como a causa e o efeito de um prejulgamento a respeito de uma pessoa com relação à outra, conforme a categoria à qual pertence. Geralmente essa categoria é étnica; indo mais longe pode-se até dizer que todos os grupos étnicos são estereotipados com relação aos outros. Porque dependem de sua flexibilidade, os estereótipos podem mudar conforme os desenvolvimentos sócio-econômicos e ideológicos. Um estereótipo do tipo desfavorável pode adquirir, por exemplo, qualidades positivas. Sinônimo de clichê, para o *Dicionário Larousse*, o estereótipo corresponde a tomadas de posições, idéias/opiniões preconcebidas, redutoras das singularidades. Para Roland Barthes “o estereótipo é a palavra repetida, fora de qualquer magia, qualquer entusiasmo, como se fosse natural, como se por milagre essa palavra, que volta, fosse sempre adequada, por diferentes razões, como se imitar pudesse não mais ser sentido como imitação: palavra à vontade, que pretende consistência e ignora sua própria insistência. Nietzsche observou que a ‘verdade’ era apenas a solidificação de antigas metáforas. Assim, nesse caminho, o estereótipo é a via atual da ‘verdade’, o traço palpável que deixa transitar o ornamento inventado em direção à forma canônica, limitante, do significado”. In: *Le plaisir du texte*, 1973, p. 69. Tradução livre de Nubia Hanciau.

² Para Zilá Bernd, “é interessante observar o caráter de inflexibilidade subjacente ao termo: o indivíduo que se deixa conduzir pelos preconceitos fecha-se numa opinião determinada e recusa-se aceitar o outro lado dos fatos” (Bernd, 1994). O preconceito trata “de um julgamento ou de uma opinião formada sem considerar os fatos que os contestariam”. João Batista Ferreira, em entrevista para *A Gazeta*, em

presença muitas vezes com traços positivos, que a distinguem e a caracterizam como mulher exótica, bela, alegre, solidária, dotada de irresistível sensualidade, hábil cozinheira, com vocação para a música, a dança e o canto. Mas também será vista com traços negativos – particularmente os de uma mulher libertina – que deixam emergir sua imoralidade, adaptando-se muito bem à representação da “outra”, a companheira de aventuras amorosas e extraconjugais, cujo fascínio seduz os mais virtuosos...

O que se comprova porém, é que do século XVII até os autores contemporâneos Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro, essa figura mestiça desfila em nossos textos, revelando traços que compõem o conjunto de uma convenção literária sensivelmente homogênea, apesar de algumas mudanças a partir dos anos 1980.

Tida por muito tempo como discípula menor da Europa, a literatura brasileira beneficiou-se, por ocasião da comemoração dos 500 anos da “descoberta do país”, de um lento reconhecimento no cenário internacional³. Não está assegurado contudo, que o olhar externo em direção ao Brasil esteja definitivamente liberto das imagens redutoras, da condescendência e do exotismo.

Convidado de honra em 1998 no Salão do Livro em Paris, nosso país esteve por alguns dias na primeira página da imprensa francesa. Falam por si só as seguintes expressões: *terre des contrastes* (terra dos contrastes), *pays aux mille visages, où l'exotisme est assuré* (país das mil caras, onde o exotismo é garantido), com suas charmosas “cariocas”, suas danças afrodisíacas, suas belas e estonteantes mulatas.

Esse olhar exótico que ainda hoje nos é dirigido e com o qual somos medidos, remonta à época colonial e às grandes viagens das descobertas; está presente desde os textos inaugurais, nos diários de bordo das expedições de Cristóvão Colombo⁴, Jacques Cartier e Pero Vaz de Caminha, entre outros, que desempenharam um papel essencial na

31/8/1966, afirma: “o preconceito é sobretudo uma crença e, como tal, profundamente enraizado no domínio das emoções humanas”.

³ Segundo Leyla Perrone Moisés, “publicar em português é permanecer em segredo”. Cabe lembrar aqui que, no Salão do Livro de Paris, em 1999, o Quebec foi a província/país convidado de honra. Com 3% da população brasileira, o Quebec levou à França 125 escritores representando sua literatura, enquanto nosso país, convidado anterior foi representado por apenas aproximadamente trinta escritores. Cf. *Le Devoir*, 20 fev. 1999, p. A1.

⁴ No registro de Colombo lê-se seu maravilhamento, ante o exótico tropical: “Aqui os peixes são tão diferentes dos nossos que é maravilha. Há os que são como galos, enfeitados com as mais finas cores do mundo: azul, amarelo, vermelho e todas as cores. Outros são tingidos de mil maneiras e suas cores são tão belas que não há homem que não fique maravilhado ao olhá-los. Há também as baleias. Em terra não vi nenhum animal de espécie alguma, excetuando os papagaios e os lagartos” (Colombo, 1991, p. 71). Pode-se pensar aqui no fenômeno primário do exotismo. Quanto mais a realidade “referencial” é distanciada do navegador e do seu cotidiano, mais ele terá dificuldade em confrontar esse referencial ao seu “real” conhecido. Nesta hipótese, a leitura do Novo Mundo será menos crítica, mais inclinada a aceitar o que lhe é mostrado, no tempo em que lhe é apresentado.

construção das representações coletivas e, mais tarde, serviram como matrizes textuais aos cronistas franceses André Thevet⁵, Jean de Léry⁶ e Michel de Montaigne⁷. A releitura desses primeiros escritos sobre o espaço americano e brasileiro nos remete às análises e às críticas ao exotismo de Tzvetan Todorov, que diz:

Os melhores candidatos ao papel do ideal exótico são os povos e as culturas mais afastados e mais ignorados. Ora, o desconhecimento dos outros, a recusa em vê-los tal qual eles são, podem dificilmente ser assimilados a uma valorização. É bem ambíguo o cumprimento que louva o outro simplesmente porque ele é diferente de mim. O conhecimento é incompatível com o exotismo, mas o desconhecimento, por sua vez, é inconciliável com o elogio dos outros; ora, é precisamente isto que o exotismo gostaria de ser: um elogio do desconhecimento. Este é o seu paradoxo constitutivo (Todorov, 1989, p. 298).

Os devaneios exóticos e seus paradoxos, de que nos fala Todorov, estão na base das primeiras elaborações do sentimento nacional, inscrevem-se nos textos inaugurais e, no século XVII, marcam o Barroco, que demarca nossa literatura pelo gosto da exaltação da realidade e pela apologia do gigantismo do país. A “cor local” continua a ser celebrada de geração em geração e domina o discurso que erige o autóctone – ancestral mítico e sem manchas – à categoria de herói nacional até o século XIX, quando José de Alencar (1829-1877) engaja-se na missão de produzir o que Alfredo Bosi (1994, p. 137) chama de a “soma romanesca” do Brasil.

Uma figura *sui generis*

“Nosso mundo é a margem”.
Carolina de Jesus

Embora em aparência igual à mulher negra – ainda condenada a uma vida destinada aos trabalhos subalternos – a situação da mulata é diferente. Segundo Roger Bastide, ela guarda as características da mulher branca, “com o acréscimo desta pontinha de fogo, dessa lascívia atraente que lhe dá o sangue negro”⁸. Interposta a meio caminho cromático entre brancas e negras, a mulata concentraria o exotismo das negras sem sofrer as desvantagens estéticas atribuídas às brancas. Bem ao contrário, a cor de sua pele parece servir muito bem para despertar a sensualidade, sugerindo atrativos inacessíveis à brancura nem sempre expressiva das jovens e das mulheres livres.

⁵ *Les singularités de la France Antarctique.*

⁶ *Histoire d'un voyage fait en terre du Brésil.*

⁷ *Essais.*

⁸ Bastide & Fernandes, 1959, p. 205.

Se quisermos ir um pouco além quanto à origem da fixação dessas idéias, é preciso voltar à época em que o país foi colônia portuguesa e lembrar um conhecido provérbio evocado por Gilberto Freyre em *Casa-grande & senzala*, que diz: “A negra no fogão, a mulata na cama e a branca no altar”⁹. Numa sociedade ainda rural, em que os homens deveriam afirmar sua virilidade e as mulheres chegar virgens ao casamento, a constante presença da escrava no meio ambiente e sua situação submissa estimulavam nos senhores o desejo da posse sexual. Cabe lembrar também que a experiência pré-matrimonial masculina era não só permitida, mas largamente estimulada. Como conquistar essa experiência e ao mesmo tempo preservar a indispensável castidade das solteiras, sem apelar ao encanto das escravas?

Assim, assegurados da preservação da integridade social da raça dominante e já tendo experimentado a liberdade de uma união fora do grupo étnico, os senhores não resistiam à estética e aos dotes físicos da mulher de cor. Para guardar a boa reputação, entretanto, o novo habitante do país vai apontar para a imoralidade e o irresistível atrativo das mulatas, argumentos eficazes para justificar suas pulsões extraconjugais.

A temática e suas variações

A porta do barraco era sem trinco
E a lua furando nosso zinco
Salpicava de estrelas nosso chão
Tu pisavas nos astros distraída
Sem saber que a ventura desta vida
É a cabrocha, o luar e o violão...
Ataulfo Alves

Embora os provérbios, as máximas, as brincadeiras, as marchinhas e as canções carnavalescas constituam fonte abundante para a análise, será na produção literária que encontraremos elementos para a compreensão da configuração estereotipada e preconceituosa que inscreve a mulata na literatura. O poeta Gregório de Matos (1623-1696), servindo-se das próprias experiências “nos recantos tropicais”, foi um dos primeiros a inscrever sua imagem nos textos – “bela como a Aleluia”, “elegante como um pássaro” – e transformá-la em elemento catártico, que lhe permitiu experimentar irresistíveis paixões. Para reconhecer em Bartola, Vicência, Catona, Anica, Córdola e

⁹ Freyre, Gilberto, 1975, p. 104. Nossos colonizadores já conheciam a deliciosa figura da “moura encantada, de pele escura e olhos negros, o que explicaria sua disposição favorável a aceitar a estética da mulher não-européia”.

Luzia, a solidariedade humana, a alegria, o vigor físico e a beleza (sem esquecer alguns defeitos), Matos escolhe a Bahia como *décor*, terra reconhecida em razão dos excessos sexuais e misturas genealógicas, favorecidos pela coabitação dos diferentes grupos étnicos, uma das características da província que, na época, abriga a capital do Brasil.

“Era uma mulatinha de 18 a 20 anos, estatura média, largos ombros, peito erguido, cintura fina e pés pequeninos; seus olhos eram muito negros e vivos, os lábios carnudos e úmidos, os dentes muito brancos, a conversa repousante, a voz clara doce e melodiosa...” (p. 169), assim Manuel Antonio de Almeida¹⁰ (1831-1861), em *Memórias de um sargento de milícias* (1852-1853)¹¹, retrata a atraente Vidinha, ao mesmo tempo que descreve a vida do Rio de Janeiro.

Um pouco mais tarde, na esteira do romantismo regionalista, Bernardo Guimarães (1825-1884) atacará a escravatura negra ao criar a figura branca da escrava Isaura¹², atribuindo-lhe as melhores qualidades físicas e morais. Desde o início Isaura aparece pálida como cera, sem conseguir atrair a atenção masculina. Mas aos poucos sua pele ganha uma tonalidade que deixa dúvidas: seria uma andaluza de Cádiz ou uma napolitana? Ao “se colorir” Isaura também não consegue ficar livre do estigma da irresistibilidade e da atração física.¹³

Neste breve repertório não esqueçamos Rita Baiana, moradora do submundo de *O cortiço* (*Botafogo une cité ouvrière*)¹⁴. Desvergonhada, Rita divertia-se todas as noites, totalmente governada por sua sensualidade e seus caprichos. É ela quem oferecerá os elementos para a exploração das premissas na moda e corresponderá à típica heroína naturalista, cuja composição biológica – a própria natureza – domina o comportamento. Bela, inquieta e sedutora, cantando e dançando no carnaval, simples e primitiva, toda feita de paraíso e pecado, Aluísio de Azevedo não poupou nenhuma oportunidade para acentuar a libertinagem de sua personagem.

De um lado, a voluptuosidade de Rita parece querer simbolizar a abundância da natureza brasileira. De outro, enquanto moradora do submundo, ela o reproduz e reflete.

¹⁰ Com o pseudônimo de “um brasileiro”.

¹¹ Se Gregório de Matos, dotado de temperamento e caráter irreverentes, agride suas mulatas com censuras e aviltamentos, Almeida, sem liberá-las da amoralidade e da irresponsabilidade, não economiza elogios à sua Vidinha. Não obstante, alguns paralelismos aproximam os dois escritores: a originalidade, o vigor na criação, “o humor amoral” e a espontaneidade discursiva.

¹² *A escrava Isaura*, publicado pela primeira vez em 1875.

¹³ O papel que lhe é reservado corresponde, de uma certa forma, ao reservado a Vidinha. Ambas servem para desencadear os acontecimentos, para desvelar o caráter e as intenções das personagens, bem como estabelecer novos esquemas de vida.

¹⁴ Romance de Aluísio de Azevedo, autor também de *O Mulato* (1881). Tradução francesa: *Le Mulâtre*. Paris: Club Bibliophile de France, 1953.

Segundo Rui Mourão, que prefacia a edição de 1976 de *O cortiço* “Nessa mulata encontrava-se o grande mistério, a síntese das impressões que ele [Jerônimo, o português] recebeu aqui chegando: ela era a luz ardente do meio-dia; o calor vermelho das sestras do interior; o aroma quente e estonteante dos trevos e da baunilha das florestas brasileiras; a palmeira virgem e fugidia, que não se dobra a nenhuma planta; o veneno e o açúcar delicioso...”¹⁵. Dote físico, caráter e inteligência fazem de Rita Baiana um agente catártico que coloca à prova o estrangeiro ante à realidade nacional e a tornam responsável pelas metamorfoses ilustradoras do que se poderia chamar, na época da monarquia brasileira, de “brasilianidade portuguesa”.

Rita Baiana é seguida por Maria Olho de Prata. Tão desejável quanto fascinante, esta personagem do romance *João Abade*, de João Felício dos Santos, inflama e humaniza os bastidores da insurreição de Canudos, refúgio do líder Antônio Conselheiro. A todos que a procuravam, Maria Olho de Prata distribuía a graça de sua feminilidade e as delícias do seu corpo sensual, belo e perfumado, uma exceção em meio à feiúra e sujeira, produtos da ignorância, das superstições e da seca da região. Num ambiente anestesiado pelo fanatismo e pelo frenesi belicoso, Maria Olho de Prata simboliza o prosaico apelo à sobrevivência.

No mesmo veio, mas com todo o peso de sua originalidade, Guimarães Rosa também vai dizer “a outra”, o desvio, através da personagem Jini¹⁶. O mato no interior de Minas Gerais servirá de pano de fundo para desenhar o retrato de mais uma mulher tentadora e vulgar, que multiplica os companheiros sem a menor preocupação moral. Com sua pele morena, seus olhos verdes, seu corpo dotado de intensa sensualidade, a inconstante Jini colocará à prova os princípios até então coerentes e sólidos de seu namorado, que, como um pião, gira à sua volta, tomado por violenta e cega paixão. Embora o ambiente rural confira à Jini sua autenticidade, Guimarães Rosa também se deterá nas características físicas de sua personagem e reterá os mesmos atributos das outras mulatas, reforçando a manutenção dos estereótipos e preconceitos machistas.

Vai ser Jorge Amado¹⁷ – para muitos dos raros escritores que conseguiu encarnar a alma mestiça do Brasil, reputada inapreensível – quem nos levará a encontrar em seu famoso *Gabriela, cravo e canela* a síntese dessa galeria de prodigiosas mulatas. Entre

¹⁵ MOURÃO, Rui. Prefácio. In: *O cortiço*, 1976.

¹⁶ No conto “A história de Lélío e Lina”, que integra a coletânea *No urubuquaquá, no pinhém* (Corpo de baile).

todas – Vidinha, Isaura, Rita Baiana, Maria Olho de Prata e Jini – Gabriela é a mais minuciosamente descrita, a mais célebre. Tão linda quanto as outras, ela se torna mais fascinante ainda graças ao perfume de cravo e canela, que evoca as longínquas especiarias, e à sua boca cor de pitanga, um apelo poderoso ao apetite erótico, associado à idéia de sensualidade e poder, condição dos conquistadores ansiosos por satisfazer seus desejos no exotismo de outras terras, outros aromas, outras mulheres...

Vivendo na cidade grande, Gabriela adapta-se melhor a novas situações. Mesmo assim, será através de seus atrativos físicos – valorizados com insistência – que Jorge Amado vai apresentá-la: “corpo esguio, rosto sorridente, mordendo uma goiaba”; “uma nesga na saia mostrando um pedaço da coxa cor de canela”. Para Gabriela “a vida era boa, bastava viver. Quentar-se ao sol, tomar banho frio, mastigar goiabas, comer manga espada, pimenta morder. Nas ruas andar, cantigas cantar, com um moço dormir. Com outro moço sonhar” (p. 403).

Bem-dotada também para a cozinha, seu marido, o árabe Nacib, curva-se frente a qualquer refeição que ela lhe prepara e entusiasma-se quando sente o cheiro que exala da galinha de cabidela. Prisioneiro pelo estômago e pelo sexo, como ele viveria sem as refeições de Gabriela, seus pratos perfumados e seus molhos dourados...? Que faria sem seu sorriso claro e tímido, sua cor bronzeada, seu perfume e seu calor?

Pratos e concessões eróticas aproximam-se. A mulata é imbatível na cozinha e na cama. Cozinhar, amar, duas atividades complementares que se tornam sinônimas e são exploradas em toda sua complexidade e ambigüidade na ficção de Jorge Amado. As imagens “mulher-fruto”, “mulher-refeição” e, finalmente, “mulher-presas” remetem aos estudos de Maximilien Laroche e Affonso Romano de Sant’Anna, que trabalham o tema na perspectiva canibalesca, principalmente no que concerne às relações entre o homem branco e a mulher negra ou mulata: “caçá-la/comê-la/devorá-la constituem aspectos reveladores de um esquema representativo das relações eróticas inter-raciais que os escritores brasileiros desenvolveram por mimetismo de neocolonizado” (Laroche, 1989, p. 16).¹⁸

Jorge Amado, incontestavelmente o mais prestigioso e discutido representante nacional da cultura afro-brasileira na França e no mundo, serve-se de Gabriela para

¹⁷ Autor de aproximadamente meia centena de livros, traduzidos em mais de cinquenta línguas, Amado é o mais célebre dos escritores brasileiros no meio acadêmico do exterior, designado “o romancista das prostitutas e dos vagabundos”. Revista *Nouvel Observateur*, março de 1998.

¹⁸ Em *La Découverte de l'Amérique par les Américains*. Sobre o assunto, ver também o primeiro capítulo de *O canibalismo amoroso* (1984), de Affonso Romano de Sant'Anna.

transmitir sua visão idealista da alma popular. Ela será o símbolo do compromisso cada vez maior do autor com as qualidades da cultura popular da Bahia e os valores da “brasilianidade negra”. Conforme Teófilo de Queiroz Júnior, com Gabriela “atinge-se o ponto de saturação literária do tipo”¹⁹. A idéia da liberdade na pobreza, já evidenciada em outros romances amadianos, colabora mais uma vez com a crítica dirigida contra os costumes da classe dominante.

Até aqui esta rápida seleção tentou distinguir escritores que pertencem a correntes literárias diferentes, cujos discursos estão situados em diversos contextos da sociedade brasileira, em distintos momentos da nossa história. É bem verdade que a importância de seus nomes na sociedade e a atração do público por suas obras contribuiu ainda mais para a cristalização das imagens estereotipadas até aqui apontadas²⁰. A ficção apenas confirma a representação das contradições na organização social brasileira que, desde a época colonial, tem julgado os indivíduos pelas suas características aparentes. Em função da petrificação discursiva e da extrema aderência às idéias estandardizadas, as vozes dissidentes ainda são minoritárias e têm grande dificuldade para desconstruir as imagens dominantes²¹. A representação hegemônica adquire a consistência de uma doxa, que ajuda a manter a separação entre os indivíduos das duas principais etnias que compõem a sociedade brasileira.

Os exemplos citados, veiculados na francofonia e no mundo por meio de traduções, apontam para a imagem da mulata na literatura brasileira, mas não compõem uma enunciação que lhe pertença; embora estatisticamente ela represente uma

¹⁹ Em *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*, p. 35.

²⁰ “O pouco amor que os homens têm pela verdade faz, na maioria das vezes, com que não se penalizem em distinguir o que é verdadeiro do que é falso. Deixam entrar em sua alma todo tipo de discurso e máximas, preferem supô-los verdadeiros ao invés de examiná-los: se não os compreendem, querem acreditar que outros os compreenderão bem; e assim, preenchem a memória com uma infinidade de coisas falsas, obscuras e mal-entendidas, e raciocinam a seguir em torno desses princípios, quase sem considerar nem o que dizem, nem o que pensam”. Antoine Arnauld e Pierre Nicole. *Logique de Port-Royal*, 1662. In: DURANTE, Daniel Castillo, *Du stéréotype à la littérature*, 1994, p. 11.

²¹ No que concerne à escrita negra – apesar de algumas tentativas anteriores isoladas – foi nos anos 80 que ela tomou forma no Brasil. Com o objetivo de desconstruir a imagem estereotipada através da qual a mulher negra foi representada na literatura, Miriam Alves nos leva ao passado mítico das mulheres corajosas e revolucionárias esquecidas pela historiografia oficial e apagadas no imaginário social, e presta homenagem em seus poemas a Luiza Mahin, uma figura lendária. Celebrada por sua coragem e seu espírito indócil, ela teria comandado a Rebelião dos Machos (1835). Seu poema “Pedacos de Mulher” revela sua obsessão pela reversão da atual condição feminina, baseada na submissão e na alienação. Convoca também as mulheres da comunidade negra brasileira a lutar contra sua coisificação. Embora minoritária, a participação das mulheres no conjunto da produção literária negra brasileira é significativa. Entre outras, devem ser notadas: Maria Firmina dos Reis, Antonieta de Barros – escritora e professora, a primeira deputada negra brasileira – Carolina Maria de Jesus e Anajá Caetano.

proporção não negligenciável da população nacional²², nem sua voz nem suas reivindicações conseguiram até hoje romper completamente a cristalização discursiva.

Abafada pelo discurso que tem o poder de representá-la, a presença da mulata é escamoteada em benefício de uma lógica que tem origem no estereótipo. Na realidade, é o “outro”, o homem branco, que a vê (ou a oculta?) e a descreve “mulata”; o respeito pelo cânone moral determinado pela burguesia branca, associado à ingenuidade, à submissão e à ausência de consciência crítica, conduziram-na a aceitar esse papel de mulher-objeto que a marginaliza.²³

Embora o mito da “democracia racial” seja proclamado frequentemente como uma das características brasileiras, os casamentos mistos sejam aceitos e as práticas culturais integradas, não se pode deixar de constatar, contrariando as aparências, que há ainda hoje uma espécie de mal-estar com relação a tudo o que escapa ao “mesmo”, uma dificuldade em celebrar a diversidade. Bem recentemente no entanto, assistiu-se à transgressão desse ritual discursivo que reservara à mulher dita “de cor” o papel de objeto erótico/exótico por excelência. Entre os escritores que vão dar uma dimensão mais humana à figura da mulata, João Ubaldo Ribeiro, um dos mais significativos autores brasileiros contemporâneos, faz surgir, finalmente, uma imagem subversiva, a de Maria da Fé, personagem de *Viva o povo brasileiro*. Espécie de divisor de águas entre o **discurso sobre a mulata** e o **discurso da mulata**, ela corresponde ao desejo de renovar a representação convencional construída ao longo dos séculos.

Em *Viva o povo brasileiro* encontra-se o processo de desmistificação e a reversão dos preconceitos e estereótipos que marcaram a formação da história do Brasil. Heróis e heroínas obscuros, saídos das camadas populares, ocupam a cena em um

²² Darcy Ribeiro (1995) dá conta de um decréscimo progressivo dos “puros” negros no Brasil, que passaram a um vigésimo, ou seja 5% da população no século vinte. Os brancos saltam para 55% e os mestiços detêm crescentes 39% da população nacional, dos quais a grande maioria é composta por mulatos. Mesmo que haja controvérsias quanto a estes dados, sua importante dimensão no contexto nacional é indiscutível, embora a história dos negros ocupe um lugar derrisório na historiografia brasileira. Negros e mulatos são ainda vítimas da marginalização geográfica e social, encontrando-se com muito maior frequência nas prisões do que nas escolas ou nas universidades. Suas produções intelectuais ou artísticas não são valorizadas, o que não deixa de ser ainda tocante. Mais de cem anos depois da assinatura da Lei Áurea (1888) e da eliminação da escravatura, os negros (entre eles os mulatos) estão longe de uma real integração na sociedade brasileira; aproximadamente 42% são analfabetos (contra 15% entre os brancos), 60% ganha um salário mínimo (contra 33% de brancos) e 80% dos condenados à prisão são negros ou mulatos. Cf. João Carlos Rodrigues, 1988.

²³ A degradação histórica dos negros e dos mulatos, mulheres e homens originários da escravatura, sua pobreza e difícil integração na sociedade combinaram-se para engendrar seu isolamento econômico e sócio-cultural, que pode ser considerado aberrante em uma nação que se quer competitiva, aberta e democrática.

empreendimento explícito para subverter os textos fundadores de nossa nacionalidade, que ignoraram a participação de outras etnias além da branca.

Maria da Fé – a “que semeia o terror e a desordem” retira-se para o espaço virgem da floresta tentando unir os negros em torno da idéia da valorização de sua cultura – dita bárbara – e tenta revitalizar sua linguagem, que eles mesmos consideravam um “*charabia* idiota e primitivo”. Seu objetivo é o de liberar os escravos e unir o povo, o que só acontecerá quando for recuperado o orgulho de ser brasileiro. Em torno dessa heroína giram valores positivos, tais como a preocupação com a memória coletiva o enaltecimento do trabalho e da morte digna, o espírito da revolta contra a opressão, enquanto entre as elites circulam valores opostos: a falsidade, a corrupção, a mentalidade colonizada, a alienação cultural e a morte indigna. Conforme Zilá Bernd, o caráter do herói épico tradicional que assume a personagem Maria da Fé justifica-se pela intenção do autor em mostrar que o Brasil se ressentia de líderes provenientes das classes desfavorecidas, que poderiam guiá-lo em direção a outros destinos que não a miséria e a exploração (Bernd, 1995, p. 99).

Com Maria da Fé anuncia-se uma lenta mas real e desejável transformação, que degrada os aspectos negativos da herança cultural ligados ao passado colonial; a continuidade literária rompe-se com a construção de uma manifestação artística inovadora. Fazendo a arqueologia de três séculos da história do país, João Ubaldo Ribeiro toma posição e propõe formulações que vão de encontro à perpetuação das idéias preconcebidas.

Ao concluir

... cabe almejar que, depois de cinco séculos de cruzamentos, os sectarismos estejam em grande parte ultrapassados, o que permite às questões identitárias serem tratadas pela real aceitação do múltiplo e do diverso como elementos constitutivos da brasilianidade. Ora, para que se possa conceber a mulata, desvelar sua alteridade, é necessário renunciar aos clichês familiares e internacionais e à crispação identitária que a petrificou por muito tempo, percebendo-a apenas através de seus sinais exteriores, cor da pele e atributos físicos.

Desde 1908 Victor Segalen, em seu *Essai sur l'exotisme*, convida a rever a relação com a diversidade cultural. Suas palavras sugerem,

Jogar fora tudo o que a palavra exotismo contém de limitado e rançoso. Despojá-la de todos os seus artifícios: a palmeira e o camelo; capacete colonial; peles negras e sol amarelo; e com o mesmo golpe desvencilhar-se de todos os

que a empregaram com uma tola eloquência. [...] despojá-la de uma única acepção, tropical e geográfica. O exotismo não é apenas um dado no espaço, mas também em função do tempo. Conseguir definir brevemente, dar a sensação de Exotismo: que nada mais é do que a noção do diferente; a percepção do Diverso [...] e o poder do exotismo, que nada mais é do que o poder de conceber o outro (Segalen, 1978, p. 36).

Bibliografia consultada

- ALMEIDA, Manuel Antonio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: Ed. de Ouro, 1969.
- AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. São Paulo: Martins, 1969.
- AZEVEDO, Aluísio de. *O cortiço*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.
- _____. São Paulo: Ática, 1976.
- BARTHES, Roland. *Le plaisir du texte*, Paris: Seuil, 1973.
- BASTIDE, Roger, FERNANDES, Florestan. *Branços e negros em São Paulo*. São Paulo: Nacional, 1959.
- BERND, Zilá. *Racismo e anti-racismo*. São Paulo: Moderna, 1994.
- _____. *Littérature brésilienne et identité nationale*. Paris: L'Harmattan, 1995.
- BOSI, Alfredo. *Literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1958.
- COLOMB, Cristoph. *La découverte de l'Amérique. Le journal de bord (1492-1493)*. Paris: La Découverte, 1984.
- DURANTE, Daniel Castillo. *Du stéréotype à la littérature*. Montréal: XYZ, 1994.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo : Três, 1973.
- LAROCHE, Maximilien. *La découverte de l'Amérique par les Américains*. Québec : GRELCA, 1989.
- LÉRY, Jean de. *Histoire d'un voyage fait en terre du Brésil*. Lausanne: Bibliothèque Romande, 1972.
- MONTAIGNE, Michel de. *Essais*. Paris: Garnier, 1952.
- QUEIROZ JUNIOR, Teófilo de. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo : Ática, 1982.
- RODRIGUES, João Carlos. *O negro brasileiro e o cinema*. Rio de Janeiro : Globo

(Fundação do Cinema Brasileiro), 1988.

ROSA, João Guimarães. *No urubuquaquá, no pinhém*. (Corpo de baile). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro : a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Schwarcz, 1998.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *O canibalismo amoroso*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SEGALEN, Victor. *Essai sur l'exotisme*. Paris: Fata Morgana, 1978.

SANTOS, João Felício dos. *João Abade*. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

THEVET, André. *Les singularités de la France Antarctique*. Paris: La Découverte, 1983.

TODOROV, Tzvetan. *Nous et les autres*. Paris: Seuil, 1989.